



NOTAS SOBRE UMA SITUAÇÃO CRÍTICA:  
OS GAVIÕES DO PARÁ

Iara Ferraz

A situação dos Gaviões do sudeste paraense caracteriza-se agora por uma nova crise, resultante de um conjunto de pressões recentemente desenvolvidas em suas relações com os vários segmentos da sociedade nacional.

Posseiros, proprietários de terras nas redondezas, comerciantes em geral, agentes bancários e representantes oficiais - FUNAI, Exército, ELETRONORTE, GETAT, IBDF e Cia. Vale do Rio Dote - são os principais personagens do conturbado cenário do sudeste paraense, onde estão localizados os Gaviões, a cerca de 40 km da cidade de Marabá.

Este município, povoado atualmente pelo trânsito de garimpeiros, foi "escolhido" já no início da década de 70 como polo centralizador de vultosos investimentos, tanto estatais como privados.

A passagem ao longo de todo o território dos Gaviões - cerca de 19 km de extensão - em traçados paralelos, da rodovia PA-70 (concluída em 1970), da linha de transmissão de alta tensão (em 1980) e, agora, da ferrovia de Carajás, obrigou-os a promoverem alterações em sua própria concepção de sobrevivência. Desenvolveram assim mecanismos específicos para um enfrentamento direto dos kupê - os "civilizados", "cristãos" - sem a mediação efetiva dos representantes da FUNAI. Esta atitude dos Gaviões foi marcada pelo "salto" verificado em 1976, através da comercialização autônoma da castanha. Desde então, os avanços e sobretudo os recuos nas relações com o órgão

tutelar, em seus vários níveis, mostram-se significativos diante da crise que se apresenta.

Por um lado, os mecanismos criados pelos Gaviões diante deste confronto direto são insuficientes para controlar toda a sorte de pressões crescentes. Por outro, a assistência tutelar aliada ao incentivo da rede bancária oficial restringiram-se ao estímulo inadequado a atividades como a pecuária extensiva, acompanhada da exploração madeireira. Esta, por sua vez, intensificou-se no interior daquele território indígena - uma das únicas reservas de mata densa na região - de modo clandestino ou mesmo contratual, enquanto fonte de recursos para os Gaviões.

A exploração florestal, predatória para aquela sociedade, foi iniciada por ocasião dos trabalhos da ELETRONORTE para a passagem, pela área indígena, da linha de transmissão de alta tensão, subsidiária à Usina Hidrelétrica de Tucuruí. Os Gaviões tomaram-na como fonte de recursos mediante o "incentivo" <sup>dos agentes</sup> do IBDF e dos proprietários de serriarias, uma vez verificado o crescente declínio na produção de seus castanhais.

Os desmatamentos, controlados ou não, e as grandes queimadas nas redondezas, que já ocorrem há alguns anos, são responsáveis pelo afastamento dos insetos polinizadores da castanha-do-Pará. Este fenômeno alarmante vem sendo recentemente observado em toda aquela região produtora.

As indenizações apenas em dinheiro recebidas da ELETRONORTE e, agora, da Cia. Vale do Rio Doce, acabaram sendo o resultado de negociações unilaterais, onde o Estado fez-se evidentemente prevalecer. Nestas ocasiões, tornou-se claro o fato de que nem sempre o tutor é o melhor guardião jurídico de seus tutelados, embora seja o mediador

por excelência. Tanto os critérios utilizados pela CVRD para o cálculo da recente indenização paga aos Gaviões, quanto aquela recebida em 1980 da ELETRONORTE - no valor de 40 milhões de cruzeiros, mas calculada em 83 milhões - foram atos claramente lesivos àquela Comunidade, que perdeu porções importantes de seu território.

Foram obrigados a construir uma nova aldeia, reunindo não só os diferentes grupos de Gaviões ali existentes, como também famílias e indivíduos de grupos distintos (Guarani, Xerente, Krikati e Pykobje), que deixaram recentemente suas áreas tradicionais, devido ao fracasso dos "projetos da FUNAI", como costumam chamar.

Mas a nova aldeia, que abriga hoje cerca de 170 pessoas, construída em alvenaria e ainda inacabada em virtude de uma série de pressões - mas principalmente diante da manipulação exercida pelos regionais, sobre os Gaviões, em questões financeiras - acabou por ficar a meio caminho entre a rodovia PA-70 e a ferrovia de Carajás, em construção. A "estrada do ferro", como chamam os Gaviões, atravessará a reserva a cerca de 10 km da aldeia nova, numa área limítrofe aos melhores castanhais ainda produtivos. Exatamente ali vêm ocorrendo, por sua vez, progressivas invasões de posseiros e, mais recentemente, daqueles assentados pelo GETAT, na tentativa de resolver a complexa problemática fundiária naquela região do Pará.

Mas as "soluções" diante deste quadro apresentado em relação aos Gaviões parecem ser viáveis através de uma assessoria específica, independente do órgão tutelar, conforme solicitada pela "Comunidade Indígena Parakateje", forma como passaram a se autodenominar a partir de 1976, enquanto expressão da autonomia conquistada.